

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
RUBIAMARA ROCKENBACH DE FARIAS

**INCERTEZAS, DESAFIOS, SUPERAÇÕES E IDENTIDADES NA CAMINHADA DA
PROFISSIONALIDADE: O AUTO-CONHECIMENTO COMO FORÇA DE UM NOVO
CAMINHAR**

MATINHOS
2016

RUBIAMARA ROCKENBACH DE FARIAS

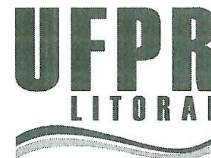
**INCERTEZAS, DESAFIOS, SUPERAÇÕES E IDENTIDADES NA CAMINHADA DA
PROFISSIONALIDADE: O AUTO-CONHECIMENTO COMO FORÇA DE UM NOVO
CAMINHAR**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção de título de Especialista em
Questão Social na Perspectiva
Interdisciplinar, sob orientação do
professor Valdo José Cavallet.

**MATINHOS
2016**



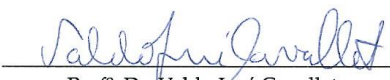
Ministério da Educação
Universidade Federal do Paraná
UFPR Litoral
Curso de Especialização em Questão Social
pela Perspectiva Interdisciplinar



PARECER DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

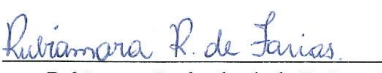
Os membros da Banca Examinadora designada pelo Orientador, Professor Doutor **VALDO JOSÉ CAVALLET**, realizaram em **11/06/2016** a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da estudante **RUBIAMARA ROCKENBACH DE FARIAS**, sob o título *"Incertezas, Desafios, Superações e Identidades na Caminhada da Profissionalidade: O Auto-conhecimento Como Força de um Novo Caminho"*, sendo quesito parcial para obtenção do Título de *Especialista em Questão Social pela Perspectiva Interdisciplinar* pela Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral, tendo recebido conceito **"APL"**.

Matinhos, 11 de junho de 2016.


Prof.^a. Dr. Valdo José Cavallet


Prof.^a. Dra. Lenir Maristela Silva


Prof.^a. Ma. Camila Grassi Mendes de Faria


Rubiamara Rockenbach de Farias
Estudante

Conceitos de aprovação
APL = Aprendizagem Plena
AS = Aprendizagem Suficiente

Conceitos de reprovação
APS = Aprendizagem Parcialmente Suficiente
AI = Aprendizagem Insuficiente

OBSERVAÇÃO:

CASO O(A) ESTUDANTE SEJA ORIENTADO(A) A REFORMULAR SEU TRABALHO, DEVE-SE REGISTRAR NO VERSO OS REQUISITOS APONTADOS PELA BANCA PARA O ACEITE FINAL DO TRABALHO.



Novos sintomas,
Os cortes da alma, agora estão no corpo.
Outro medicamento receitado, mas dessa vez
um antipsicótico.
Ao ler a bula: tristeza.
Para esquizofrênicos e bipolares.
E depois disso, qual será o próximo passo?
Redução da dose, ou acrescentar um terceiro
remédio?
O que mais poderá surgir ainda?
... ..
Quero apenas reencontrar a vontade de viver.
Uma vida com menos dor e mais sentido.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer ao professor Valdo pelas belas contribuições, pelas agradáveis conversas e quero parabenizá-lo pela seriedade com que leva o seu trabalho.

Quero agradecer à minha amiga Liz que me disse tantas vezes: “não vai desistir não, quero só ver esse TCC”. Até combinamos de estudar juntas.

Agradeço também ao meu companheiro de longas jornadas Vitor, que além do seu apoio e amor incondicional, me ajudou com a formatação do trabalho.

Um abraço bem apertado para minha irmã e companheira de muitas histórias e aprendizados, Camila Grassi, por todo apoio, pelo cuidado e pela leitura do meu trabalho.

RESUMO

Este trabalho resgatará as experiências mais relevantes da minha história de vida, que contribuíram para a busca das minhas potencialidades. Eu, mulher, nascida no final da década de 80, proveniente de uma família conservadora (menos abertos a mudanças). Cresci em um bairro pobre e violento de Colombo, município situado na periferia de Curitiba, com a religião católica muito presente no nosso convívio, o que contribuiu para que as minhas possibilidades de escolha fossem muito limitadas. Ao final deste trabalho, espera-se entender os desafios, incertezas e superações pelos quais passei, bem como as perspectivas, após o tratamento da depressão.

Palavras chave: autoconhecimento, mulher, depressão, resistência.

ABSTRACT

This work recovers the most important experiences of the history of my life, which contributed to the search of my potential. It is about me, a woman born in the late 80s within a conservative family (less open to changes). I grew up in a poor and violent neighborhood of Colombo, a town located in the peripheral region of Curitiba, having great influence of Catholic religion in our lives, what have limited my possibilities of choices. At the end of this work, it is expected that my past challenges, uncertainties and overcomes can be understood, as well as the prospects after the treatment of depression.

Keywords: self-knowledge, woman, depression, resistance.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
1.1. A FAMÍLIA E OS VALORES.....	8
1.2. A ESCOLHA PROFISSIONAL	8
1.3. UFPR E A CENTRALIDADE DA VIDA	9
1.4. O CURSINHO PRÉ-VESTIBULAR ONG EM AÇÃO	9
1.5. REFLEXOS DA EXPERIÊNCIA DO TRABALHO VOLUNTÁRIO NA MINHA VIDA	10
1.6. VIDA AFETIVA – MONOGAMIA / RELACIONAMENTOS.....	10
2. A EXPERIÊNCIA DE ESCREVER O TCC – DESISTIR OU SEGUIR, E COMO?	11
3. A ESCOLHA DO TEMA: A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NAS RELAÇÕES HOMOAFETIVAS	12
3.1. COLETIVO MÃES PELA IGUALDADE	12
3.2. PALESTRA UFPR SOBRE VIOLÊNCIA DE GÊNERO	12
3.3. PALESTRA DA MARIA DA PENHA SOBRE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA	13
4. A ONG SAFOS	14
4.1. EVENTO: UMA NOITE SÓ PARA ELAS.....	14
4.1.1. O Esperado para uma Pessoa Heterossexual	17
4.1.2. A Realidade de uma Pessoa Homossexual	17
4.1.3. Conclusão	19
5. SUPERAÇÕES	21
5.1. O IMPORTANTE PAPEL DAS AMIZADES E O FORTALECIMENTO COLETIVO	21
6. PLANOS PARA O FUTURO.....	22
7. O DESAFIO DIÁRIO DE ESCREVER O PROJETO.....	23
8. E AGORA?	28
REFERÊNCIAS.....	31
ANEXO 1 – CARTA DE INTENÇÃO	32

1. INTRODUÇÃO

1.1. A FAMÍLIA E OS VALORES

Cresci no município de Colombo. Meu padrasto é metalúrgico e minha mãe é dona de casa, há mais de vinte anos. Tenho dois irmãos mais novos e até os 21 anos eu morei com os quatro.

Eu sempre fui muito estudiosa, responsável e dedicada. Segundo a minha mãe, eu era o modelo para os meus irmãos e, portanto, deveria ser perfeita. Ela fez eu e meus irmãos trabalharmos muito, dizia que estava nos preparando para o mercado de trabalho, que quando fôssemos trabalhar fora, seria muito fácil. Para se ter uma ideia, acordávamos às cinco da manhã para lavar janelas e tínhamos que limpar a casa todos os dias. Quando tinha trabalhos para fazer, eu ia no contraturno na biblioteca e minha mãe reclamava, dizia que eu estava fugindo do trabalho. Muitas vezes eu sentava no chão da biblioteca, em busca de um poema que me ajudasse a lidar com a tristeza dessa situação e chorava muito. Eu não podia ter amigos, nem ir em festas, devido à violência do bairro e isso me deixava com muita raiva.

1.2. A ESCOLHA PROFISSIONAL

No final de 2006, fiz o vestibular na Universidade Federal do Paraná (UFPR) para o curso de ciências contábeis, mas não fui aprovada. Ao mesmo tempo, em que fiz o vestibular na faculdade particular para o curso de Administração e fui aprovada.

Entre os anos 2011 e 2014, trabalhei em movimentos sociais, com atividades de alfabetização de adultos, dei aulas de redação em um cursinho pré-vestibular popular. E após essas experiências, decidi trabalhar como educadora social. Em 2015, eu prestei o concurso para educador social para trabalhar com menores infratores e passei, porém não fui convocada ainda. No entanto, ainda que eu fosse convocada, para trabalhar em unidades socioeducativas surgiu o receio de eu não aguentar ouvir as histórias de violência. Então, estou me organizando pra fazer o concurso da FAS, no ano de 2016, pra trabalhar com moradores de rua, deficientes ou idosos. Penso em trabalhar com as pessoas socialmente excluídas. Como as pessoas deficientes e as pessoas não heterossexuais. Tive experiência

com um deficiente visual, onde durante dois meses, eu saia passear pela cidade com ele. Participei de uma Organização Não-Governamental (ONG), chamada Safos de lésbicas e bissexuais, onde discutíamos as nossas demandas.

1.3. UFPR E A CENTRALIDADE DA VIDA

No último ano do ensino médio (2006) comecei a trabalhar em um mercado próximo a minha casa, como operadora de caixa. Tínhamos apenas uma folga durante a semana e acabei arrumando o curso de alemão pra fazer nesse dia. A história com o alemão começou porque eu queria muito estudar na UFPR (devido à importância que a minha mãe dava para essa faculdade), mas não tinha conseguido passar no vestibular para ciências contábeis. No ano seguinte, tentei para o curso de engenharia industrial madeireira, pois a concorrência era baixa, mas nem assim passei. Enquanto eu fazia os vestibulares, continuava trabalhando e fazendo o curso de administração em uma faculdade de Colombo (FAEC-INESUL), que mais tarde transferi para a faculdade Expoente, onde me formei no ano de 2011. Eu queria ter alguma experiência nessa Universidade que representava tanto orgulho. Então, decidi fazer o curso de inglês no Centro de Línguas da UFPR (Celin) no ano de 2007, porém no dia em que fui me matricular não tinham mais vagas para o inglês, então escolhi o curso de alemão.

Essa experiência me fez perceber que muitas vezes fazemos coisas, porque buscamos reconhecimento social. Estudar alemão no Celin da UFPR porque eu queria estudar na UFPR de qualquer jeito, foi uma prova de que precisamos olhar para dentro de nós e nos conhecer, para poder escolher de verdade, escolher por nós mesmos.

1.4. O CURSINHO PRÉ-VESTIBULAR ONG EM AÇÃO

Comecei a namorar o meu companheiro no ano de 2008. E ele me ajudou a estudar para entrar no cursinho pré-vestibular da ONG Em Ação. Passei na prova, e durante o ano de 2010, eu fazia inglês pela manhã, estágio a tarde e faculdade a noite. Aos sábados, domingos e feriados das 08h às 20h eu fazia o cursinho. E eu gostava muito da interação com os professores e com os colegas, e eu tinha um sonho de entrar naquela Universidade.

Em 2011, finalmente eu ingressei na UFPR, como aluna de letras e fui morar com meu companheiro. Posso, dizer que aí começou a fase de vida adulta. Após formada em administração, começou a minha insatisfação com o curso de letras, e os sintomas de depressão.

1.5. REFLEXOS DA EXPERIÊNCIA DO TRABALHO VOLUNTÁRIO NA MINHA VIDA

Em 2012, meu companheiro foi fazer o doutorado em Campinas e me mudei com ele. Participei de um grupo de extensão da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), onde dei aula de alfabetização em um acampamento do Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST). No Anexo 1 vemos a Carta de Intenção que foi pré-requisito para ingresso na pós-graduação em Questão Social, onde falo mais sobre os trabalhos sociais que desenvolvi. Fiz um curso de extensão de alfabetização de adultos. Tive o imenso prazer de conhecer o Projeto Âncora, em Cotia – SP. Fiz uma matéria sobre a evolução do pensamento de Marx, com o professor Plínio de Arruda Sampaio Filho, que foi maravilhosa! E continuei meus estudos de alemão lá também.

Retornando à Curitiba em 2013, dei aula de redação em um cursinho popular, estudei mais um ano de letras, e no final do ano viajei para a Alemanha, onde morei por 3 meses. Lá, além do curso de alemão que fiz pela metade, participei de um grupo de convivência de crianças estrangeiras, conheci um coletivo libertário e participei de algumas reuniões.

Em 2014, resolvi estudar para o concurso de educador social, para trabalhar com menores infratores. E passei nas etapas, mas não fui chamada ainda. Passei por diversas mudanças e descobertas no âmbito pessoal.

1.6. VIDA AFETIVA – MONOGAMIA / RELACIONAMENTOS

Em 2013, após cinco anos de relacionamento monogâmico, eu e meu companheiro abrimos o nosso relacionamento, e eu descobri que me interesse por mulheres. Durante mais de um ano me relacionei com uma mulher. Inclusive, tanto a minha família, quanto a família do meu companheiro sabem desses pormenores.

2. A EXPERIÊNCIA DE ESCREVER O TCC – DESISTIR OU SEGUIR, E COMO?

Dia 13 de janeiro de 2016, tive a primeira orientação com o professor Valdo. Eu havia comentado com os meus colegas de trabalho que eu estava pensando em desistir de concluir a pós, pois a cobrança em escrever um trabalho acadêmico me deixa muito ansiosa e angustiada. Até à conversa com o professor, eu não tinha entendido muito bem como era fazer um trabalho baseado nas histórias de vida. Esse método consiste em partir do entendimento que a própria pessoa tem de si, a sua relação com o outro e a sua atuação no mundo. E me chamou muito a atenção, porque se tem uma coisa que eu faço diariamente é escrever sobre mim, sobre os meus sentimentos.

A primeira reunião que tive com o outro professor que seria o meu orientador, por estar na área dos estudos de gênero, foi assustadora. Ele dividiu em duas etapas a minha pesquisa. A primeira tratava-se da pesquisa teórica, em que eu deveria ler os três volumes da história da sexualidade do Foucault, pesquisar sobre a violência doméstica, passando pelos aspectos legais como a lei Maria da Penha, depois a violência doméstica na população LGBT, cuja a maior parte do material está em inglês e eu não tenho conhecimento suficiente da língua, e só então eu passaria a estudar os casos específicos das lésbicas. Na segunda etapa eu deveria escolher uma das seguintes possibilidades: estudo de caso, entrevistas gravadas ou escritas, grupos focais, produção de materiais audiovisuais ou produção de memoriais.

Como eu não consegui ler nada do que ele me havia proposto, nem começar a escrever o projeto por me sentir incapaz, por saber que o texto não ficaria tão bem escrito quanto um professor com título de Doutor fosse digno de ler, eu simplesmente não fiz nada. Não conversamos mais e o tempo foi passando. No fim do ano, o professor Almir, nos questionou sobre quem eram os nossos orientadores e eu corri falar com o Valdo. De início ele me disse que eu não tinha problema nenhum, porque eu sei escrever, porque eu faço isso sempre. Com o passar da conversa ele entendeu que eu me sentia muito insegura e tinha dificuldade para acreditar em mim.

Após a conversa com o professor Valdo, sobre o método de trabalho baseado em memoriais, decidi escolhê-lo como o meu orientador e aceitei o desafio.

3. A ESCOLHA DO TEMA: A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NAS RELAÇÕES HOMOAFETIVAS

Inicialmente eu queria escrever um projeto para ajudar as mulheres homossexuais a superarem a situação de violência em que se encontram. Pensei em organizar grupos de discussão, ou até mesmo um grupo de apoio, de ajuda. Porém, nesse momento, me deparei com alguns empecilhos, os quais sejam: seria muito complexo classificar quem são as agressoras e quem as vítimas, não tínhamos psicólogas ou assistentes sociais para acompanhar as reuniões. Outra questão seria a possibilidade das mulheres deste grupo, em situação de fragilidade, se interessarem umas pelas outras o que poderia gerar um problema ainda maior, que é criar uma nova situação de dependência emocional para superar a antiga.

3.1. COLETIVO MÃES PELA IGUALDADE

No decorrer do ano de 2015, participei de palestras que envolviam o tema diversidade sexual e violência. Na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) participei de um encontro organizado pelo coletivo feminista daquela Universidade com as mulheres do grupo Mães pela Igualdade, que é um grupo de mães de LGBTs que se organizam nacionalmente para estarem juntas com os seus filhos na luta contra a homofobia. Inclusive quando fui contar para a minha mãe sobre a minha bissexualidade, descoberta aos 24 anos, li para ela no site vários relatos das mães sobre as dificuldades que elas enfrentaram ao descobrir a orientação sexual de seus filhos e como superaram o sentimento de culpa ou de inadequação social.

3.2. PALESTRA UFPR SOBRE VIOLÊNCIA DE GÊNERO

Assisti uma palestra na UFPR sobre violência de gênero, organizada pelo centro acadêmico de pedagogia e nesse dia tive contato com o presidente da ONG Dignidade Toni Reis e seu assessor Lucas. A ONG Dignidade existe há 23 anos e luta pelo direito à livre orientação sexual.

Neste dia, comentei com o Lucas sobre o tema da minha pesquisa e ele achou que eu poderia contribuir com a proposta que eles tinham, em retomar a ONG Safos, que é uma organização voltada para os interesses de lésbicas e bissexuais,

cujo objetivo é o empoderamento das mulheres nos espaços das políticas públicas e dos direitos, visto que a participação das mulheres nesses espaços é inexpressiva.

3.3. PALESTRA DA MARIA DA PENHA SOBRE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

No dia em que eu fui ver a palestra da Maria da Penha eu estava arrasada devido a uma discussão, mas fui mesmo assim. Ela é uma mulher muito forte, que sofreu duas tentativas de homicídio pelo próprio marido. Por diversas vezes ele foi a julgamento e foi absolvido.

Após escrever sua autobiografia, autoridades internacionais fizeram pressão sobre o governo brasileiro para que houvesse mais respeito às mulheres e que punissem o homem. Após 19 anos e meio livre, faltando apenas 6 meses para a absolvição da pena, ele foi condenado e foi criada a lei Maria da Penha em 2006, para que os crimes de violência contra a mulher não fiquem impunes.

4. A ONG SAFOS

4.1. EVENTO: UMA NOITE SÓ PARA ELAS

Passei a frequentar as reuniões semanalmente da ONG, e nesse período tive acesso à maior biblioteca com material sobre LGBTs de Curitiba, que fica na própria sede. A dificuldade encontrada foi para localizar o material, pois os livros não são catalogados, além de não ser possível realizar o empréstimo. Após algumas reuniões, organizamos um evento chamado, “Uma noite só para elas”, cuja a proposta era falar sobre a retomada da ONG Safos, e fazer uma roda de conversa sobre a violência de gênero.

Estávamos em pouco mais de 20 pessoas nesse evento. Após a explicação do Lucas sobre a logo, e sobre o significado do nome escolhido para a ONG, me foi passada a palavra para iniciarmos a conversa sobre violência de gênero. Comecei com uma música Flor mulher da rapper, negra, lésbica, feminista e da periferia Luana Hansen. Segue um trecho abaixo:

(A cada duas horas uma mulher é assassinada no país)
 Mulher, no topo da estatística
 32 Anos, uma pobre vítima
 Vivendo num sistema machista e patriarcal
 Onde se espancar uma mulher é natural
 A dona do lar, a dupla jornada
 Sempre oprimida, desvalorizada
 Até quando eu vou passar despercebida
 A cada 5 minutos uma mulher é agredida
 E você, pensa que isso é um absurdo
 A cada hora 2 mulher sofrem abuso
 Sai pra trabalhar, pra quê?
 Pra ser encoxada por um zé feito você
 Que diz: "eu não consegui me controlar
 Olha o tamanho da roupa que ela usa, rapá! "
 A culpada, em todos os lugares
 Violentada, por gestos, palavras, e olhares
 Alvo do mais puro preconceito
 Já que tá ruim, ela que não fez direito!
 Objeto de satisfação do prazer [...] (HANSEN, 2014)

Após ouvirmos a música, eu falei de dois pontos importantes que tratam da violência a que as mulheres estão submetidas. O primeiro deles, é o assédio moral, físico e psicológico. Historicamente o espaço público era dos homens, então se as mulheres andassem na rua sozinhas e sofressem estupros ou agressões era considerado culpa da mulher, ou seja a própria vítima recebia a culpa. O mesmo ocorre com as roupas. Existe uma crença social que as mulheres não devem usar

roupas curtas, pois os homens são incapazes de controlar os próprios instintos, e se uma mulher for violentada e estiver trajando roupas curtas ela estava consciente do que poderia acontecer com ela.

O segundo ponto que me chamou a atenção foi as estatísticas que foram mencionadas: “a cada duas horas uma mulher é assassinada no país”, “a cada cinco minutos uma mulher é agredida”, “a cada hora duas mulheres sofrem abuso”. Esses números foram retirados do mapa da violência de 2012 - Homicídio de Mulheres no Brasil. Após encontrar este relatório observei o número de homicídios de mulheres nas capitais e municípios entre os anos de 2008 e 2010. O Paraná é o terceiro Estado e Piraquara é o segundo município (45.013 mortes) que mais mata mulheres no Brasil. Entre 84 países do mundo, o Brasil é o sétimo país que mais mata mulheres.

As pessoas presentes na roda de discussão nesse momento ficaram chocadas, disseram que não tiveram acesso a esses números e não imaginavam o quão grave é o problema da violência contra a mulher.

Após esse momento, vimos a definição de violência doméstica e familiar contra a mulher na lei 11.340/2006, criada no ano de 2006 conhecida por lei Maria da Penha (falarei mais sobre ela adiante). No capítulo 2 da lei, artigo sétimo explica:

Art. 7º São formas de violência doméstica e familiar contra a mulher, entre outras:

I - a violência física, entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal;

II - a violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da auto-estima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação;

III - a violência sexual, entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos;

IV - a violência patrimonial, entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades;

V - a violência moral, entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria. (BRASIL, 2006)

A lei Maria da Penha prevê pena de reclusão de 3 meses a 3 anos contra crimes de violência física, psicológica, sexual, patrimonial e moral. No primeiro capítulo, artigo quinto, está escrito o seguinte:

Art. 5º Para os efeitos desta Lei, configura violência doméstica e familiar contra a mulher qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial. (BRASIL, 2006)

Mesmo existindo a lei Maria da Penha sancionada em 2006, que já previa as formas de violência a que as mulheres estão submetidas, inclusive por morte, uma lei específica precisou ser criada para considerar matar mulheres por razões da condição do sexo feminino, como crime hediondo. Trata-se da lei 13.104/2015, chamada de lei do Feminicídio.

A violência contra as mulheres resulta da socialização machista. Dada a formação de macho, o homem julga-se no direito de espancar sua mulher. A mulher foi educada para submeter-se aos desejos masculinos, toma este destino como natural. Fiz um questionamento para os presentes, de quais atitudes são esperadas da mulher. E obtive como resposta: maternidade, passividade, dependência, submissão. Em seguida, mostrei duas imagens do comercial de roupas infantis da tip top, de 1997, para exemplificarmos a diferença cultural da socialização.

Na imagem da menina está escrito: “Futura mamãe, por enquanto ela precisa de tip top.” Já no cartaz do menino está escrito: “Grandes decisões: por enquanto ele precisa de tip top.”



Figura 1 - Comercial de roupas infantis da Tip Top: diferença cultural da socialização
Fonte: SABAT, 2001

4.1.1. O Esperado para uma Pessoa Heterossexual

A ideia foi refletir com as pessoas, como se dá a vida de uma pessoa heterossexual e uma pessoa homossexual na sociedade em que vivemos. De início mostrei o vídeo da Faber Castell chamado “a linha da vida”.

Neste vídeo, podemos observar já pelo título que há uma crença de que existe um único caminho a ser seguido, que o é caminho dentro da norma. A menina frequenta a escola, depois a faculdade, assume uma profissão. Então casa-se com um homem (pois não é dado a possibilidade de escolha) e recebe a maternidade compulsória.

Para um contraponto, vimos a propaganda recente do Boticário que gerou muita confusão nas redes sociais, com pastores pedindo para a população boicotar a empresa, depois que casais homoafetivos foram considerados como namorados. Nesta propaganda não há nada que desrespeite a ordem e os valores. Apenas casais heterossexuais e casais homossexuais abraçando-se e trocando presentes.

4.1.2. A Realidade de uma Pessoa Homossexual

Em contrapartida levei alguns recortes de jornais para refletir sobre a condição das pessoas homossexuais. No primeiro deles, mostrei uma matéria que foi publicada em 26/08/2015, no site Terra com o título de “Se você gostar de mulher eu te mato”

“Se você gostar de mulher, eu te mato”

Adolescentes que sofrem preconceito em casa e na escola desabafam e explicam por que precisam de debate de gênero. Bancadas religiosas têm barrado discussão nos planos nacional e municipal.

Laura Sousa* tem 15 anos e sabe que é lésbica. Ela não pode falar sobre as coisas que sente, porque não há quem as escute. Nem em casa, nem na escola. Ela esconde a orientação sexual da família, porque não tem outra opção. “Minha mãe me disse aquilo quando estávamos vendo novela”, conta Laura, que tem dificuldade de repetir a frase. O aquilo foi uma ameaça de morte: “Se você gostar de mulher, eu te mato.”

Na sua escola, uma instituição pública na periferia de São Paulo, apenas alguns amigos próximos sabem o que ela vive. “Porque eles também são ‘diferentes’”, explica. Os outros colegas costumam implicar com o seu jeito de se vestir, com roupas mais largas: a chamam de “Maria macho” e puxam seu cabelo.

Laura acredita que o preconceito dos alunos é fruto de ignorância. Por isso, foi uma das centenas de estudantes a participar de uma campanha nas redes sociais, com o lema “eu preciso de debate de gênero nas escolas”.

Outro texto que lemos foi sobre a questão profissional de uma pessoa gay. Esse texto foi publicado na carta capital em 20/05/2015 e chama-se: “Duas em cada dez empresas se recusam a contratar homossexuais no Brasil”.

Duas em cada dez empresas se recusam a contratar homossexuais no Brasil

Quase 20% das empresas que atuam no Brasil se recusam a contratar homossexuais. A conclusão é de uma pesquisa da empresa de recrutamento e seleção Elancers, que entrevistou 10 mil empregadores e mostrou que muitas companhias preferem rejeitar um candidato gay por temer que sua imagem seja associada a ele.

Cerca de 7% dessas empresas não contratariam homossexuais “de modo algum”, diz o estudo, enquanto 11% só considerariam a contratação se o candidato jamais pudesse chegar a um cargo de visibilidade, como o de executivo.

A pesquisa cita a justificativa de uma das recrutadoras entrevistadas, cujo nome foi preservado: “As empresas rejeitam homossexuais para posições de nível hierárquico superior, como diretores, vice-presidentes ou presidentes porque esses cargos representam a organização em eventos públicos e a associação de imagem poderia ser negativa para a companhia”, diz ela. “Quando falamos de escolas, as restrições a homossexuais são maiores por várias razões, mas principalmente pelo receio em relação aos pais dos alunos.”

Raira Pereira dos Santos, hoje com 24 anos, sofreu duplo preconceito. Primeiro não conseguiu emprego por ser gay, depois, por assumir sua identidade de mulher. Ela conta que desde que assumiu sua homossexualidade, aos 17 anos, passou a ser rejeitada mesmo quando tinha a escolaridade e a experiência exigidas. “Um gay com comportamento delicado tem dificuldade em conseguir emprego até vestido como ‘homem’. Só é possível trabalhar em Call Center. Por telefone ninguém está te vendo. A voz pode enganar. Mas se o emprego exigir a presença física, o patrão rejeita o gay porque o cliente acha que está vendo a empresa.”

Aos 20 anos, ela decidiu assumir-se mulher e adotar o nome social de Raira. As portas, então, fecharam de vez. “Se você é gay, pode fingir que é hétero, mas quando deixa o cabelo crescer e assume sua identidade feminina, o preconceito aumenta.” Ela conta que raramente o entrevistador admite as razões da recusa. “Essa admissão só aconteceu uma vez. A entrevistadora de uma vaga para recepção foi educada, mas deixou bem claro que não poderia me contratar por causa da minha aparência.” Raira só conseguiu emprego depois de admitida pela Prefeitura de São Paulo, e agora trabalha com política LGBT no município.

Como nem sempre a sexualidade é aparente, alguns contratados só passam por assédio e preconceito depois da admissão. Bissexual, a publicitária Anna Castanha, de 28 anos, deixou uma agência de publicidade na cidade de Santos registrando um boletim de ocorrência três meses depois de começar a trabalhar.

As primeiras provocações começaram depois que ela ficou muito amiga de uma colega heterossexual. Elas começaram a frequentar os mesmos lugares e a ir embora juntas depois do expediente, como muitas colegas de trabalho. Mas em uma reunião com toda a equipe na sala do chefe, o primeiro constrangimento. “Os 12 funcionários da agência entraram na sala. Eu fui a última e pedi um canto ao lado dessa amiga. Nosso chefe nos olhou e perguntou na frente de todo mundo: ‘você estão tendo um caso? Estão namorando? Quem é a ativa e quem é a passiva? Quem fica por cima e quem fica por baixo?’”

Pouco tempo depois, o mesmo chefe “simulou um 69 na frente de todo mundo, fazendo uma alusão a como nós duas nos relacionávamos intimamente”. Em seguida, soube pela própria cliente o modo como uma

funcionária da agência se referiu a ela quando perguntaram sobre sua ausência em uma reunião: "Quem, a Anna? Aquela sapatona escrota?" Anna e a amiga deixaram a agência imediatamente e foram registrar o B.O. "E nunca nos pagaram pelos meses que trabalhamos", garante. "Hoje dou um curso chamado Marketing Fora do Armário, que fala sobre o mercado focado no público LGBT."

(...)

Diretor da Elancers, Alexandre Nunes avalia que os contratantes brasileiros são "bastante conservadores". "Preferem sempre os candidatos dentro do padrão 'politicamente correto', seja na forma de se vestir, de falar e até a opção sexual."

Segundo Cezar Tegon, presidente da companhia, a pesquisa revela que o homossexual declarado só é bem-aceito nas áreas de moda ou design de interiores. "No entanto, parece evidente que as mulheres homossexuais declaradas sofrem discriminação também nesse meio."

Por fim, conclui a minha fala trazendo a história de Toni Reis, que é o presidente da ONG Dignidade e David Harrad, que inclusive estava presente nesse momento. Esse casal há mais de 10 anos estava na justiça lutando pelo direito de adotar seus três filhos, e em 2015 eles finalmente conseguiram.

Direito adoção - Decisão do Supremo Tribunal Federal que garante o direito de adoção a Toni Reis e David Harrad, publicado em 19 de março de 2015

O processo de Toni e David corre desde 2005. Desde lá, os dois passaram por uma série de tribunais, gastaram em advogados, viajaram a Brasília, conversaram com juristas influentes e acabaram chegando ao STF. Em primeira instância, ainda no Paraná, tiveram concedido o direito de adotar uma criança do sexo oposto e com mais do que 12 anos. Acharam as restrições preconceituosas e recorreram ao Tribunal de Justiça, que derrubou o limite mínimo de idade, mas acabou sendo barrado pelo Ministério Público, que embargou a decisão. Foram, então, ao Supremo Tribunal de Justiça, onde o processo ficou engavetado por cinco anos.

Acabaram chegando, enfim, ao STF, onde tiveram, enfim, o direito garantido. Agora, podem escolher a criança que quiserem – ainda que isso não deva ser necessário. Toni e David já têm três filhos: Alysson, 14 anos, Jéssica, 11 anos, e Filipe, nove anos. Eles foram adotados nesse vai e volta nos tribunais, após processos que correram no Rio de Janeiro, sob o comando da juíza Mônica Labuto.

Tudo isso é muito importante para que a gente se sinta cidadão por completo, e não pela metade. É bacana ser reconhecido pelo Estado, porque somos vistos como algo tão errado, que não pode, que não existe... A única coisa que a gente quer é ser feliz. Já estávamos sendo, mesmo sem permissão. Agora, com o STF do nosso lado, quero ver quem vai ser contra. Porque uma coisa é certa: nós somos uma família, querendo ou não – diz Toni Reis, enquanto o barulho da comemoração ao fundo vai crescendo.

4.1.3. Conclusão

Para mim foi muito significativo fazer a fala e perceber as pessoas se reconhecendo nas histórias umas das outras. Uns diziam que precisamos lutar contra a homofobia, outros diziam que sentem medo de perder seus empregos. Outros ainda, que mesmo nos empregos públicos sentem medo da exclusão, devido

ao imenso preconceito. Mulheres das mais variadas idades que nesse dia, puderam se sentir acolhidas, puderam perceber que na sua diferença não estão sós. Roda de discussão feita em 16/09/2015.

5. SUPERAÇÕES

Em setembro de 2015, eu consegui um emprego. Após um ano tentando, finalmente eu consegui começar a escrever o projeto da pós com o professor Valdo. Após dois anos resistindo, finalmente eu comecei a frequentar a meditação semanalmente. Em fevereiro, comecei o curso de teatro e tenho percebido o quanto sou insegura. Comecei um tratamento de trauma com o psiquiatra chamado EMDR. A partir da semana que vem, pretendo voltar a frequentar o terreiro. Todas essas atividades fazem sentido para mim e acredito que me ajudarão a deixar o remédio.

5.1. O IMPORTANTE PAPEL DAS AMIZADES E O FORTALECIMENTO COLETIVO

Para nós mulheres, sentir que está na presença de outra mulher é algo extremamente fortalecedor. Sentir que, diferentemente do que dita a cultura, a outra mulher não é a sua inimiga que está competindo contigo por um homem, mas sim que é a sua irmã e está ao teu lado para caminhar contigo. Para segurar tua mão, para te chamar para ir para um grupo de estudo de mulheres, para juntas descobrirem o Barba-Azul, os Orgonites, as Mandalas, o Terreiro, as infinitas possibilidades de fortalecimento em conjunto. Aquele amigo que te visita na pensão, que apesar de todos os seus afazeres, arruma um tempo, antes de dar aula na faculdade, para no dia do seu aniversário te dar aquele abraço.

Muitas lembranças e muita gratidão as mulheres da minha vida!

6. PLANOS PARA O FUTURO

Após alguns meses trabalhando na área administrativa, me sinto muito cansada e desmotivada. Está sendo bom essa experiência de atuar na área após formada, pois está me possibilitando ver o que não quero. Após concluir a pós, pretendo voltar para humanas, e desta vez cursar, história, ciências sociais, ou filosofia. Quero ser professora. Gosto muito de ler e pensar a sociedade. Sempre tive muito receio de ser professora por eu sentir que não sou boa o suficiente. Mas acredito que conseguirei trabalhar a autoconfiança no meu processo de autoconhecimento e autofortalecimento.

7. O DESAFIO DIÁRIO DE ESCREVER O PROJETO

Ideias eram muitas, mas quase não existia a disposição para escrever. Era uma busca desenfreada por algo que era maior do que eu... Como Clarice Lispector diria, eu sentia uma necessidade muito grande de pertencer e buscava isso saindo com as amigas, na meditação, nas caminhadas, no terreiro, no curso de teatro, e até nas festas.

"(...) Pertencer não vem apenas de ser fraca e precisar unir-se a algo ou a alguém mais forte. Muitas vezes a vontade intensa de pertencer vem em mim de minha própria força - eu quero pertencer para que minha força não seja inútil e fortifique uma pessoa ou coisa.

Quase consigo me visualizar no berço, quase consigo reproduzir em mim a vaga e no entanto premente sensação de precisar pertencer. Por motivos que nem minha mãe nem meu pai podiam controlar, eu nasci e fiquei apenas: nascida. (...)" (LISPECTOR, 1984).

Quinta-feira era o dia da semana que eu tinha separado para escrever o projeto, porém já fazem três semanas que não o escrevo. Tenho a prática semanal de escrever ou desenhar sobre os meus aprendizados, mas nos últimos vinte dias, não fui além disso.

Hoje, domingo (03/04/16 – 05:22h), sem sono, e sentindo um grande nó na mente. Tenho uma vontade muito grande de conseguir transformar em palavras todo esse sentimento de angústia que me deixa tão inquieta e insatisfeita, e assim me compreender mais e poder agir no mundo de forma que eu possa contribuir para a evolução humana.

Retomemos então a vontade de pertencer. A última vez que eu havia enviado o memorial ao professor no dia dez de março, recebi como resposta que eu havia evoluído de forma muito rápida e me indagou se podíamos marcar a defesa. Essa fala me trouxe uma felicidade imensa. Liguei para a minha amiga mais próxima e para a minha mãe. Para mim era inacreditável pensar que durante um ano eu que não consegui chegar perto do projeto, por me sentir incapaz, e agora, em dois meses eu já tinha um trabalho digno de um olhar e o melhor de tudo: feito por mim. Cada palavra foi escrita por mim!

Aos poucos, fui recuperando a capacidade de acreditar em mim, apesar de alguns percalços pelo caminho. Durante mais de um ano, eu lidei com as minhas questões (que eu ainda não sei muito bem quais são), estando em um relacionamento muito intenso com uma mulher. Apesar de nos gostarmos muito, brigávamos na mesma intensidade. Olhando hoje de fora, acredito que isso ocorreu

por nossas expectativas serem diferentes. Ela tem muitas questões familiares não resolvidas. E acho que isso contribuía para o sentimento de posse que ela tinha em relação à mim. Me ligava todos os dias depois que eu saía do meu trabalho, pois sempre queria me ver, me dar algum presente, me mostrar algo. Eu sentia, que ela vivia em função de mim.

E depois que encontrei meu emprego em setembro de 2015, a nossa relação começou a decair. Eu me sentia mais cansada e não tinha mais tanto tempo pra gente. E ela demandava muita atenção. Ela queria que eu gostasse de fazer as coisas com ela, como a oficina de literatura no domingo, mesmo estando muito cansada.

No entanto, apesar dos pesares, essa relação me ajudou a sair de um estado de depressão que eu estava muito maior em agosto de 2014. Eu havia voltado do exterior, após morar três meses fora, e procurava emprego sem sucesso, ao mesmo tempo que estava tentando resolver os problemas de falta de comunicação entre meus irmãos e eu, escrevendo cartas para eles, mas parecia que nada funcionava. Eu tinha sérios problemas em conseguir sair de casa, ver pessoas, conseguir comprar roupas, saber o que eu gostava, não me sentia pertencendo a lugar nenhum.

A falta de construir amizades, fazia com que, eu me sentisse muito sozinha. Aos poucos, fui construindo minha amizade com a Camila. E então, em agosto de 2014, comecei a me relacionar com a menina, e acho que eu nunca tinha me sentido tão viva e tão feliz como me senti. Eu sentia que havia um motivo para viver, que ela sentia minha falta e demonstrava isso diariamente. Eu e ela vivíamos muito apegadas. Mesmo brigando muito, nos refazíamos, nos entendíamos. Ambas partilhavam suas questões mais sombrias e mais lindas. Conheci o terreiro, lugar em que me senti acolhida, por não ter preconceito contra homossexuais.

Acredito que foi por isso que me interessei em estudar o tema **VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NAS RELAÇÕES HOMOAFETIVAS**. Ficamos juntas durante um ano e três meses, e desde os dois primeiros meses, a relação era de uma intensidade inacreditável. Lembro que em dois meses de relacionamento, havíamos tido duas brigas sérias.

Essa foi mais ou menos a história. E quando terminou a relação, ambas sofreram demais. Ela emagreceu muito e eu comecei a tomar antidepressivo. E ainda não tem sido fácil lidar com a ausência dela. Após você leitor, estar

contextualizado, confessarei agora o motivo de eu estar ausente nos últimos vinte dias. Por mais que a nossa relação como namoradas não existisse mais, para mim, ter a amizade dela era muito importante. Porém, eu não contava com o imprevisto de que ela decidisse não falar mais comigo. E isso me gerou muita angústia, crises de choro, vontade de dar socos na parede, de riscar a parede com toda a minha raiva até cavar buracos, até acabar com a minha mão. Nas crises, muitas vezes, eu não conseguia pensar em nada além de formas de romper a existência. Por mais que eu pensasse nas pessoas que me amam, não era o suficiente para eu viver. A tristeza me consumia.

Retornei ao psiquiatra e ele me receitou mais um remédio, dessa vez, homeopata. A notícia boa foi que reduziu a minha necessidade em falar com a psicóloga. Agora estou fazendo a terapia quinzenalmente.

Sinto falta da amizade dela, de poder dançar forró, de ir no terreiro juntas, de poder ligar pra desabafar. E muita coisa me lembra ela ainda. Por exemplo, fui no show do Alceu Valença e Elba Ramalho na Páscoa e aquelas músicas me trouxeram muitas lembranças dela, o que contribuiu para a minha crise no dia seguinte. Ainda estou no processo de conseguir viver sem ela.

Na quinta-feira santa, imprimi o poema Sem Palavras da Gioconda Belli e coloquei na caixa de correios dela, mas mandei mensagem no celular dizendo que não estou correndo atrás dela, inclusive que eu também não tenho condições nem de falar, nem ver. Fui na hora do meu almoço, eu estava muito triste, só sabia chorar e eu reli muitas vezes o poema. Senti que dizia exatamente como eu me sentia e que ela precisava ouvir também. Reproduzo-o abaixo:

SEM PALAVRAS
inventeí uma grande árvore,
maior que um homem,
maior que uma casa,
maior que uma última esperança.
Fiquei com ela durante anos
sob sua sombra
esperando que falasse comigo.
Eu lhe cantava canções,
abraçava-a,
coçava sua rugosa casca
entremeada de samambaias,
meu riso rebentava flores em seus galhos,
e a cada gesto meu cresciam-lhe folhas,
brotavam-lhe frutas...
Era minha como nunca nada foi meu,
mas não falava comigo.
Eu vivia atenta aos ruídos dela,
ouvindo seu suave esvoaçar de borboleta,

seu rangido de animal da selva
 e sonhava com a voz dela como um lindo canto,
 mas não falava comigo.
 noites inteiras chorei a seus pés,
 apertada entre suas raízes,
 sentindo seus braços sobre mim,
 vendo-a erguida sobre mim,
 sabendo que pensava em mim,
 mas não falava comigo...
 Aprendi a cantar como pássaro,
 a acender-me como vaga-lume,
 a relinchar feito cavalo.
 Às vezes me enfurecia e fazia com que caíssem
 todas as suas folhas,
 deixava-a nua e envergonhada
 diante dos guanacastes,
 esperando que — talvez — entendesse ter sido por mal,
 como alguns homens,
 mas nada.
 Aprendi tantas coisas para poder lhe falar,
 despi-me de tantas outras necessidades
 que esqueci até como eu me chamava,
 esqueci de onde eu vinha,
 esqueci a que espécie animal eu pertencia
 e fiquei muda e sempre-viva
 — esperançosa —
 entre seus galhos.

Não nos falamos mais. E para mim tem sido um desafio, me acompanhar
 semanalmente. Tenho observado que estou mais conformada com essa situação.
 Mas continuo com certa dificuldade em conseguir sentar para escrever. Na última
 semana por exemplo, ocupei todos os meus dias com atividade, chegando depois
 das 22h.

E ontem (preciso registrar isso!), eu realizei algo que eu queria muito. Depois
 de quase dois anos, eu consegui ir com 4 conhecidas lésbicas em uma balada gay.
 E foi muito interessante esse processo. Após ter me arrumado, eu observei que em
 cada roupa ou objeto que eu estava usando continha a presença de alguma pessoa
 que me ajudou de alguma forma. Escrevi então as seguintes palavras:

“A blusinha, lembra a ida ao brechó com a Priscila.
 O shorts, a colega de trabalho que entrou comigo no shopping.
 O tênis, que comprei porque ia ver a minha ex-companheira.
 O colar, foi um presente da minha grande amiga Camila.
 O brinco, passeando com meu companheiro.
 O cabelo, muita resistência, um ano com ele curto.
 Os pelos na perna, escolha! Força!”

Acho que estou conseguindo lidar com a ideia da ausência dela, porque
 além do meu trabalho, do meu curso, dos meus amigos, das minhas atividades, da
 minha família, minhas obrigações, do remédio, do tratamento de trauma, estou

conhecendo uma mulher. Ela namora outra mulher há três anos, e assim como eu, elas também têm um relacionamento aberto. Porém observo que tenho um comportamento repetitivo, de me interessar por pessoas problemáticas, alcoólatras, que fumam, que não tem objetivos de vida e me sinto triste por isso. Isso reflete o que eu havia lido sobre padrões repetitivos.

“Os nossos relacionamentos surgem por uma combinação dos Padrões Familiares e o nosso Perfil de Necessidades e não por coincidência.

De que forma isso ocorre?

Por vezes surgem indivíduos que quer os padrões familiares, quer o perfil necessidades se complementam. Posso dar exemplos claros: alguém com necessidade de afeto, que faz tudo por se sentir amado, poderá facilmente relacionar-se com alguém extremamente dependente, com necessidades de atenção e reconhecimento. Nunca atrairia ou iria-se interessar por uma alguém independente, seguro e confiante.”

Mas como eu sempre falo, tem que ser um dia de cada vez. Todas as pessoas tem suas questões. Só preciso aprender a lidar com elas.

Quero pensar no que consegui construir até hoje. Já faz, mais de seis meses que estou trabalhando na área administrativa. Estou fazendo curso de teatro e meditação. Além de ir no terreiro e estar conseguindo construir amizades. Estou conseguindo cozinhar, fazer atividades de casa, e tenho estado mais feliz, segundo o meu companheiro!

Estou feliz por ter conseguido escrever mais um capítulo do trabalho. Não sei se ficou muito pessoal, mas depois eu e o Valdo podemos sentar e cortar as partes que expõe as pessoas e que está demais. Nesse momento pensei apenas que eu queria me comunicar com o mundo. Que eu precisava fazer essa ponte entre meus sentimentos e o Valdo. Como eu não posso ir nas mediações, devido ao meu trabalho, eu havia me comprometido em escrever um texto sobre a minha experiência em escrever o TCC para o Valdo ou outro colega poder ler para a turma de calouros. Porém o que ocorreu é que eu para preencher os meus espaços, me envolvi em várias atividades coletivas e não dei conta de escrever, e fiquei chateada comigo pois penso que tenho muitas boas ideias, mas não chegam até o papel. Mas enfim, tem que ser um dia de cada vez.

8. E AGORA?

Antes de começar a escrever sobre o futuro, quero dizer que viver com depressão é algo que traz muita instabilidade, o que gera muita ansiedade. É como se você nunca pudesse se planejar, ou marcar compromissos porque é difícil prever como estará. É uma verdadeira montanha russa de sentimentos.

Considerando isso, decidi concluir o trabalho com um mês de antecedência. Decidi concluir o trabalho no dia 23/04, porém, só hoje (26/04), depois de muito esforço, consegui enfrentar esse trabalho. Eu estava receosa de reler o décimo terceiro capítulo e ter outra crise por não conseguir lidar com os sentimentos que viessem a surgir. No entanto, como me comprometi comigo mesma a enviar o trabalho até o dia 30 para o Valdo, a Camila, o Vitor e a Lenir tive que enfrentar.

E agora? Como será de agora em diante?

Quero dizer que escrever esse trabalho fez com que eu pudesse me enxergar melhor. Foi um lugar onde pude escrever meus pensamentos de forma organizada, fazendo relações com a minha trajetória de vida.

Percebi que sou uma pessoa muito carente, que busca um lugar para pertencer. Estou aprendendo a cultivar amizades. Minha criação foi direcionada para o trabalho, o estudo e a família. Sempre senti que meus pais eram meus donos, porque eu não tinha livre arbítrio nenhum e aos 21 casei. Para minha família, tudo estava indo muito bem. Eu estava me formando, começando um outro curso na UFPR (tão sonhada), e agora eu seria cuidada pelo meu marido.

Foi quando começou a minha depressão. Percebi o quanto a minha vida era patética. O quanto eu havia feito para agradar a terceiros, e eu não sabia quem eu era.

Durante cinco anos, vivi com os mais variados sintomas da depressão, desde não conseguir comer, trocar o dia pela noite, não conseguir comprar roupa, não conseguir sair de casa, o meu companheiro ter que me dar banho sentada.

Então em janeiro de 2016, após o fim de um relacionamento com uma mulher, eu comecei a tomar antidepressivo. E essa é a minha atual situação. Tem sido semanas bem difíceis para mim. Apesar de ter uma vida boa, não vejo sentido na minha vida. Há duas semanas, como tenho muita dificuldade em levantar (e não é preguiça, é não ver sentido na minha existência!), e para não me atrasar demais,

tenho ido para o trabalho de taxi e isso tem me incomodado muito porque estou pagando para não ficar desocupada.

A terapia que havia reduzido para quinzenalmente, teve que voltar para semanalmente, devido às ideações suicidas que venho tendo. (Acho que eu não devia ter escrito isso, não é algo que deva ser divulgado).

O que tem sido motivação para a minha vida é um blog que estou escrevendo com relatos sobre depressão. O blog foi criado no dia 15 de abril de 2016. Fazem 10 dias que o blog está no ar, e já temos quase trezentas visualizações. No blog há relatos de dor, de superação, além de serem divulgadas atividades para que a pessoa possa enfrentar a própria realidade. O blog é divulgado entre as pessoas que tem doenças mentais como a depressão, ansiedade, entre outros. O nome do blog é “Aprendendo com o Vazio”.

Estou procurando viver um dia de cada vez. Conheci o grupo de neuróticos anônimos, e ouvir os relatos daquelas pessoas me fortaleceu. Me fez ver que não estou sozinha. Porém, dependendo de como a pessoa escutar o relato pode ser desesperador também, por exemplo, uma pessoa relatou que tomou antidepressivo por quarenta anos, ficou revoltada e parou por conta própria, mas agora está tendo uns surtos de não conseguir reconhecer a realidade.

Na quinta (28/04) vou conversar com a psicóloga e acredito que devido aos meus sintomas, terei que tomar uma dose mais forte do remédio, o que me deixa muito triste, pois isso mostra que vai demorar mais ainda para eu parar de tomá-los e possivelmente nunca poderei ter um bebe.

Quanto à vida profissional, queria estar em condições de pensar sobre isso. Sei que gosto muito de ajudar as pessoas, o blog tem sido um caminho bonito para isso. Gosto da ideia de fazer um curso de florais, de massagem. Faço curso de teatro, porém tenho estado desmotivada até para isso. Tem sido um esforço muito grande para estar lá. Nos últimos dias, quando a vida se torna muito difícil tenho lembrado das palavras do Andrew Solomon, que escreveu um dos melhores estudos sobre a depressão. Elas estão escritas na parede do meu quarto. Leia a seguir:

Ouçã as pessoas que amam você. Acredite que vale a pena viver por elas, mesmo que você não acredite nisso. Busque as lembranças que a depressão afasta e projete-as no futuro. Seja corajoso, seja forte, tome seus remédios. Faça exercícios, porque isso lhe fará bem, mesmo que cada passo pese uma tonelada. Coma mesmo quando sente repugnância pela comida. Seja razoável consigo mesmo quando você tiver perdido a razão. Esse tipo de conselho é lugar-comum e soa bobo, mas o caminho mais

certo para sair da depressão é não gostar dela e não se acostumar com ela.
Bloqueie os terríveis pensamentos que invadem a mente.

Por fim, quero dizer que estou imensamente feliz por ter chegado aqui, e que agradeço por cada passo andado.

Obrigada!

REFERÊNCIAS

BELLI, Gioconda. Sem palavras. In: _____. **O Olho da Mulher**. São Paulo: Arte Desemboque, 2012.

BRASIL. Lei n. 11.340, de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília, DF, 8 ago. 2006. Seção 1, p. 1.

ELÓI, Jorge. **Relacionamentos**: Porque sempre atraímos as Pessoas Erradas? 30 nov. 2012. Disponível em: <http://www.psicologiafree.com/areas-da-psicologia/psicologia_clinica/relacionamentos-porque-sempre-atraimos-as-pessoas-erradas/>. Acesso em: 15 mai. 2016.

FABER-CASTELL. **A Linha da Vida**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LOOEEMwU4hQ>>. Acesso em: 15 mai. 2016.

FOSTER, Gustavo. Pela primeira vez, STF reconhece direito de adoção por casais homossexuais. **Zero Hora**. Porto Alegre, 19 mar. 2015. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/noticia/2015/03/pela-primeira-vez-stf-reconhece-direito-de-adocao-por-casais-homossexuais-4722282.html>>. Acesso em: 15 mai. 2016.

HANSEN, Luana. **Flor de Mulher**. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/mc-luana-hansen/flor-de-mulher/>>. Acesso em: 15 mai. 2016.

LISPECTOR, Clarice. **Pertencer**. Disponível em: <http://www.psicologiasandplay.com.br/wp-content/uploads/2010/04/carta_a_clarice_linspector.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2016.

O BOTICÁRIO. **Dia dos namorados**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1_04RSIhQAA>. Acesso em: 15 mai. 2016.

PREITE SOBRINHO, Wanderley. Duas em cada dez empresas se recusam a contratar homossexuais no Brasil. **Carta Capital**. São Paulo, 20 mai. 2015. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/duas-em-cada-dez-empresas-se-recusam-a-contratar-homossexuais-no-brasil-1703.html>>. Acesso em: 15 mai. 2016.

SABAT, Ruth. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. **Revista Estudos Feministas**, v. 9, n. 1, p. 4-21, 2001. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2001000100002>>. Acesso em: 15 mai. 2016.

SOLOMON, Andrew. **O demônio do meio-dia**: uma anatomia da depressão. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. 579 p.

TERRA BRASIL. "Se você gostar de mulher, eu te mato". **Terra Brasil**. São Paulo, 26 ago. 2015. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/se-voce-gostar-de-mulher-eu-te-mato,3e05e71cb5840ebfc43703ea5642ace39az5RCRD.html>>. Acesso em: 15 mai. 2016.

ANEXO 1 – CARTA DE INTENÇÃO

Carta de Intenção

Me formei em Administração em 2011, tendo atuado em projetos sociais por três anos. Ainda em 2011, trabalhei na secretaria do curso pré-vestibular da ONG Em Ação, onde havia estudado no ano anterior. No ano seguinte, atuei em um projeto de educação popular de alfabetização de jovens e adultos em um acampamento do Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST) em Sumaré-SP. Durante este período, fiz um curso de extensão “A educação de jovens e adultos no Brasil” na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Voltando a Curitiba, em 2013, participei do Coletivo Quebrando Muros onde dei aulas de redação no Cursinho Popular Ação Direta, na Vila das Torres, e trabalhei na horta agroecológica.

No início de 2014, durante dois meses, estive envolvida em um projeto voluntário de desenvolvimento de atividades didáticas e artísticas com crianças estrangeiras na Alemanha. No mesmo ano, fui aprovada em um concurso da Secretaria de Estado da Administração e da Previdência (SEAP) para trabalhar no cargo de Educadora Social, atuando no processo socioeducativo de crianças e adolescentes infratores. Acredito que a especialização “A Questão Social na Perspectiva Interdisciplinar” contribuirá no sentido de me fortalecer, tanto para o exercício desta função quanto para lidar com as injustiças sociais presentes no cotidiano, compreendendo a realidade de forma mais ampla e podendo encontrar formas de agir sobre ela.

Na minha visão, as questões sociais são muito importantes para a vida do sujeito. Não consigo olhar para a pessoa e achar que ela é totalmente responsável pela vida que tem, desconsiderando as condições materiais, econômicas e sociais envolvidas. Acredito que os problemas que afetam a sociedade são frutos de sua própria forma de organização e que as causas das doenças psicológicas não são individuais, mas sociais.

Dessa forma, gostaria de participar deste curso para que eu possa compreender melhor algumas questões de forma sistematizada, de modo a me permitir pensar e agir de forma mais efetiva, além de encontrar outras pessoas que possuam em comum a perspectiva de transformação social. Neste sentido, vejo o Projeto Político-Pedagógico da UFPR Litoral de forma bastante positiva, por entender a Universidade como parte integrante da comunidade e, como tal, com a responsabilidade de buscar a melhoria nas condições de vida da população.

Rubiamara Rockenbach de Farias